

LUCIDEZ

T I Ã O

Aloyzo de Souza Rocha Filho

Curso de Comunicação Social da FAFICH

Vive por aí. Um dia desses você pode topar com ele numa rua ou num boteco. Depois de tomarmos umas pingas com torresmo começou a me contar, de maneira pausada e leve, como é o seu contar, alguns fatos de sua vida.

Nasci em Portugal, não estou bem certo em que ano, sei apenas que faz um bom tempo. Vim pra cá na mesma caravela em que veio o comandante Pedro Álvares Cabral. Um sujeito muito bom mas muito ingênuo (a maior prova disto é o que fizeram (ou não fizeram) com ele os nobres da corte de D. Manuel). Quando chegamos aqui, depois de muito penar por esses mares de Deus, foi um problema dos diabos pra conseguir segurar os homens que queriam sair atirando nos índios. Logo de cara falei pro Cabral, não concordo nadinha com isto. A terra era deles e nós não podíamos ir chegando e massacrando, né? Aproveitei um descuido da guarda e caí fora numa madrugada daquelas.

Comecei a trabalhar com o Fernão, mas logo depois, me aborreci com ele por causa da sua paixão pelas esmeraldas. O sujeito era louco por pedras, principalmente as de cor verde; tanto que se estrepou no caso em que confundiu turmalinas com esmeraldas. Eu sabia que ele estava indo pelo caminho errado, mas não tinha interesse nenhum em que acertasse com nada. Numa tive vocação pra ser herói nem nunca concordei com saca-

nagem. Cortei qualquer vínculo com o Fernão que, aqui pra nós, tava meio desequilibrado do juízo. Coitado...

Aproveitamos, eu e Zumbi, a distração do feitor (sujeito desgraçado que babava quando via o negro estrebuchando e soltando sangue por tudo que é canto). É uma pena que ele não tinha assistido a beleza dos seus miolos espalhados pelo chão. Nós acordávamos antes de o sol nascer e só íamos dormir, meio mortos de cansaço, bem tarde. Derrubamos matas e plantamos canaviais em quase todo Pernambuco e mesmo assim, pelo menor motivo, os miseráveis nos surraram até a exaustão. Depois abrimos um canal para as fugas e fundamos o quilombo que depois levou o nome de Zumbi. Depois disso me afastei.

Sempre fui contra a rebelião, entre aspas, de D. Pedro. O que ele fez foi tomar de D. João VI uma coisa e tomar conta dela com um absolutismo violento; em resumo, só mudou o dono, o carrasco, os métodos permaneceram quase que sem mudanças. Mudou uma coisinha aqui e outra ali. Aliás, eu já tinha falado ao José Bonifácio e ele sabia que o gênio explosivo de D. Pedro ia levar a um desfecho radical em relação a Portugal. O homem não ligava pra muita coisa que não se relacionasse à Marquesa de Santos. Quando ele abriu os olhos já era tarde e teve que pedir o boné e cair fora. Pressões, meu amigo!

Eu sempre soube que Solano López não era o que se pintava dele. Era um ditador, é verdade, mas não sanguinário como se pintava por aqui. Um homem que quer apenas manter a soberania do seu país não pode ser comparado a um salteador, um bandido. Uma coisa Solano era: bravo! Com um exército pequeno e mal armado enfrentar exércitos do Brasil, Argentina e Uruguai, encarar pra valer e só se entregar à morte foi uma coisa admirável. No principio tentei fazer ver ao Imperador Pedro II e, posteriormente, ao Caxias, o absurdo que seria cometido; eles não ligariam muito não, tanto que praticamente arrasaram o Paraguai. Uma coisa não consigo entender até hoje: já que tinha feito o que fez, porque o Império, via Caxias, não tomou logo para si o território paraguaio? Assim seria mais fácil ter uma saída pro Oceano Pacífico e a violência seria mais completa. Bastava depois trocar o sul do Paraguai por um corredor no

norte da Argentina e forçar passagem pela região de Antofagasta, no Chile. Garanto que ninguém reclamaria. Afinal, Caxias havia feito do Paraguai uma imensa mancha de sangue; alguém nos enfrentaria? Acho que entre as muitas manchas da nossa História, esse genocídio dói demais. Fui preso e sofri barbaridade, mas nunca pude concordar com demonstrações de força.

Mesmo sabendo dos interesses escusos da Inglaterra sempre fui abolicionista. O que não gostei foi do uso que os militares fizeram disto; os grandes latifundiários e senhores de escravos logo, logo, embarcaram na canoa furada oferecida por Deodoro. Aliás, nunca fui muito ligado ao Deodoro. Era mais chegado ao Hermes, um sujeito muito educado e de boas maneiras, que pode não ter sido um bom Presidente devido à insegurança dos primeiros tempos, mas que era boa pessoa, lá isso era! O povão mesmo, a massa, não tinha coisa a ver com os republicanos, não. O que houve foi um golpe militar, pura e simplesmente. Uma grande traição à Princesa Isabel, que não era lá grandes coisas mesmo. Pobre país. . .

Pra falar a verdade, nunca fui muito amigo dos comunistas. Tinha idéias e objetivos muito diferentes dos do Luís Carlos, o que não nos impediu, nunca, de sermos amigos. Já um cara de quem nunca quis nem saber foi o Plínio, sujeitinho salgado de tudo, até no nome. Cheio de radicalismo e aquela imitação besta do heil Hitler, aquela baboseira de anauê. O Getúlio, na época de aproximação com o Plínio tudo fez para que fôssemos mais chegados mas lhe falei: «Sinto muito, Vargas. Não tenho jeito pra integralista, nem como jogada política». Tempos depois rompi com Getúlio, na ascensão do Estado Novo. Sempre fui opositor das ditaduras, o mais profundo mal da América do Sul. Nos papos que costumava ter com Juscelino, na época Prefeito de Belo Horizonte, mostrava sempre o perigo que representava e representa o capital internacional. Isto não valeu de nada quando ele chegou a Presidente.

Agora eu fico pensando: o que foi feito dos ideais da revolução (?) de 64. Sempre falei ao Jango, desde os tempos do Getúlio, o perigo das colocações radicais do Brizola e que isto poderia servir de desculpa para um golpe militar, já que os di-

reitistas estavam fortes como nunca. O tempo confirmou os meus temores. De uma coisa tenho certeza: O Lincoln Gordon jamais me fará propostas de corrupção, depois do que escutou de ruim ao me oferecer dólares e outras coisas pra passar pros quadros da CIA. Gringo filho da puta !

Neste país, aliás, nesta América, nós temos que estar sempre de coração preparado pra uma nova dor. Até quando, meu caro ?